

A EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES DAS EMPRESAS CATARINENSES

Luiz Carlos Valente Junior¹

RESUMO

O objetivo analisar as exportações e importações do estado de Santa Catarina nos últimos anos, onde nas exportações se destacam empresas de capital aberto com alto grau de desenvolvimento tecnológico, gerencial, produtivo e elevada abrangência nacional e internacional como a BRF S.A. que se destaca mundialmente na produção e exportação de proteína animal, a Tupy S.A. reconhecida globalmente na produção de cabeçotes para motores e a WEG S.A. que atualmente conta com 35 parques fabris e 90 distribuidores estrategicamente alocados em diversos países. Foram utilizados como base a teoria dos ciclos de Kondratieff (50 anos) para melhor compreensão da atual fase depressiva da economia mundial (pós-1973 – fase b do 4º ciclo) que se caracteriza por elevadas crises financeiras, menor taxa de investimentos, ampliação do comércio internacional, aumento do desemprego, taxa de câmbio flutuantes, financeirização mundial, entre outros, e, os ciclos médios da economia brasileira; assim como, a utilização de relatórios anuais da FIESC (Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina). Em um primeiro momento será abordada a dinâmica do comércio exterior no Brasil e posteriormente a do estado de Santa Catarina, suas exportações e importações, observando com maior detalhe as empresas citadas inicialmente.

Palavras-chave: Comércio internacional, Empresas Catarinenses, Exportações, Importações.

ABSTRACT

The aim of this study is to analyse exportation and importation of Santa Catarina state on the last years, highlighting companies in the stock market with great technological development, management, production and a big national and international importance. As examples, BRF S.A. is remarkable with its production and exportation of animal protein; Tupy S.A. is globally recognized in production of cylinder heads for engines, and WEG S.A. currently has 35 manufacturing parks and 90 distributors strategically located in different countries. As reflective array, cycles theory of Kondratieff (50 years) is used to better understanding the current depressive phase of the world

¹ Acadêmico do programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Endereço eletrônico: lc.valente@bol.com.br

economy (after 1973 – phase b of 4th cycle), which is characterized by high financial crisis, lower rate of investment, expansion of international trade, rising unemployment, fluctuating exchange rates, global financialization, and the medium cycles of the Brazilian economy; annual FIESC reports is also used. In a first moment, the dynamic of foreign trade is discussed, and later the dynamic of Santa Catarina state, as well as its exportation and importation, observing in more detail the companies mentioned initially.

Key-words: international market, companies of Santa Catarina State, exports, imports.

INTRODUÇÃO

De acordo com o ciclo de Kondratieff², o modo de produção capitalista desenvolve-se e adquire fases de expansão e de depressão. Nas fases de expansão há evoluções industriais e nos transportes, são elas de acumulação intensiva vertical, ao passo que, as fases depressivas de expansão geográfica e de acumulação extensiva horizontal, têm por característica trazer ao ciclo depressivo inovações capazes de fomentar a “destruição criativa” (MAMIGONIAN, 1999).

Desse modo, o período atual depressivo (pós-1973) que corresponde a fase B do 4º ciclo longo de Kondratieff, tem por características elevadas crises financeiras, menor taxa de investimentos e conseqüentemente baixo desenvolvimento tecnológico, assim como, alto nível de desemprego e crescimento lento dos salários, ampliação do comércio internacional, taxas de câmbio flutuantes, atraso do processo de “destruição criadora”, financeirização mundial, entre outras (ESPÍNDOLA, 2014).

No Brasil foi a partir do 4º ciclo longo de Kondratieff que o mesmo passou a integrar a divisão internacional do trabalho. De forma geral, a economia brasileira está atrelada aos ciclos de Kondratieff, onde as classes dominantes alternam-se no poder³, na quarta dualidade (1985-?) os industriais são hegemônicos em detrimento aos empresários rurais, dessa forma, as alterações econômicas no Brasil são provocadas pelas forças produtivas e dinamizadas pelas classes dominantes. Nesse contexto, a economia brasileira desenvolveu seus próprios ciclos econômicos (atrelados ao processo

² Segue-se os dados referentes aos ciclos de cinquenta anos, onde cada ciclo tem sua fase A, de expansão (25 anos), e uma fase B, de depressão (25 anos). Notemos assim, quatro grandes ciclos (1790-1848), (1848-1896), (1896-1948) e (1948-?).

³ Teoria da dualidade básica da economia brasileira, que se desenvolveram em períodos de depressão do comércio internacional, inaugurando e dinamizando novas formas de relacionamento centro e periferia do sistema.

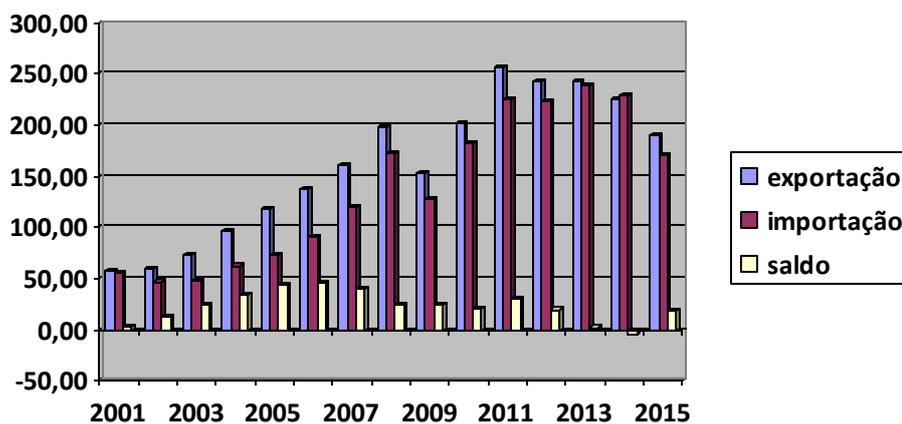
de substituição de importações), são os chamados ciclos médios brasileiros (ciclos médio ou de Juglar, fases de expansão e seguidamente de depressão, com duração média entre 8 a 10 anos), nota-se a importância da capacidade ociosa nesse processo, onde o setor ocioso poderá em fases recessivas ser estimulado e adquirir excedentes para investir nos pontos de estrangulamento da economia (BENJAMIN, 2005).

A ampliação do comércio internacional desde os anos de 1973 apresenta dados expressivos, pois sua representatividade financeira que era de US\$ 556 milhões, atingiu impressionantes US\$ 17.7 trilhões, excedendo o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). O valor do comércio no mundo entre 1980 e 2011 cresceu 9,1 vezes ao passo que o PIB 6,9 vezes. Como exemplo, tem-se a relação entre os países dos BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China), onde em 1990 os mesmos representavam 8% do PIB mundial, em 2006 eles já representavam 12% o PIB econômico global. O comércio internacional para esses países teve grande representatividade o período, onde seu peso global saiu da casa dos 3,9% para 10,6%. A Rússia, no entanto, não se inclui nesse total, pois seus dados de 1990 não estão disponíveis (IPEA, 2010). De acordo com a *World Trade Organization*, no período compreendido de 1985 e 2011, o PIB mundial obteve um crescimento médio de 3,1% ao ano, uma vez que a taxa de crescimento do comércio internacional foi de 5,6% (MANZI, 2014); tal aumento relaciona-se à admissão de novos países (Japão, China, Cingapura, entre outros) na divisão internacional do trabalho (AMSDEN, 2009), dinamizando a configuração geográfica do comércio global.

No Brasil, a partir da década de 60, as novas oportunidades em mercados consumidores no exterior acompanhado do aumento da produção da indústria nacional, contribuíram para o fomento das exportações brasileiras (CERVO, 2008). Na década de 1950, o Brasil tinha uma participação de 2,6% do comércio internacional, na década de 1970, 0,86% e segundo a associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), em 2011 a mesma era da ordem de 1,6%. Os anos de 1991 e 2002, marcam eventos importantes como a adoção do Plano Real e o regime de câmbio flutuante (1999, 2001 e 2002), o que impõe as cadeias produtivas nacionais exportadoras novas formas de reestruturação econômica, produtiva e territorial, afim de adequar-se a concorrência internacional, esses eventos fomentam as exportações e superávits comerciais até 2006. Entre os anos de 1973 e 2011 as exportações no Brasil representavam US\$ 6,1 bilhões e US\$ 256 bilhões respectivamente, um aumento de 4.129%; o dinamismo e crescimento das exportações estão atrelados a desvalorização cambial, ao crescimento da demanda mundial e

aumento do preço das *commodities* (ESPÍNDOLA, 2013). Entre os anos de 2001 e 2014 (gráfico 1), nota-se uma evolução do superávit comercial que no ano de 2001 apresenta US\$ 2,7 bilhões aproximadamente, evoluindo para US\$ 46,5 bilhões no ano de 2006. Após esse período, entre os anos de 2007 e 2014, verifica-se que as importações vêm crescendo de forma mais acentuada que as exportações nacionais, impactando diretamente no saldo positivo da balança comercial que no ano de 2014 obteve um déficit de US\$ 3,9 bilhões; no ano de 2015, o reflexo de uma grande instabilidade política visualiza-se no arrefecimento das exportações e importações, nesse sentido, o dólar valorizado beneficiou as exportações, onde o saldo positivo da balança comercial atingiu aproximadamente US\$ 19,7 bilhões (FIESC, 2012; 2015).

Gráfico 1: Balança Comercial Brasileira – US\$ milhões – 2001 a 2015



Fonte: FIESC à partir de dados da SECEX MDIC, 2012.

Na tabela 1, observa-se que poucos setores abarcam grande parte das exportações, em 2011 apenas três setores representam 47,7% do volume exportado no Brasil, vale destacar a predominância de *commodities* e minerais metálicos neste processo. Outros dados apontam ainda para uma inversão na representatividade de produtos industrializados na pauta exportadora, onde em 2001, as exportações de produtos básicos representavam 26% e os industrializados 56,5%, em 2011, os produtos básicos representam 48%, ao passo que, os produtos manufaturados representam 36% das vendas externas (FIESC, 2012).

Tabela 1: Setores com maior representatividade nas exportações brasileiras em 2011

SETORES	US\$ Milhões FOB	Var. 2011-2010 %	Partic. Sobre o Total das Exp.%
Prod. Alimentos e bebidas	45.516	19,40	17,80
Ext. de minerais metálicos	44.218	43,40	17,30
Agricultura e pecuária	32.236	40,00	12,60
Metalurgia básica	21.721	32,90	8,50
Ext. de petróleo	21.632	32,80	8,40
Veíc. Aut., reboque, carrocerias	15.781	13,90	6,20
Produtos químicos	13.337	21,00	5,20
Máquinas e equipamentos	10.803	25,80	4,20
Outros equip. de transportes	7.249	17,50	2,80
Celulose, papel e prod. De papel	7.170	6,30	2,80
Total	219.663	253,00	85,80

Fonte: FIESC à partir de da FUNCEX SECEX MDIC, 2012.

BREVE CARACTERIZAÇÃO DO CENÁRIO CATARINENSE

A composição da atividade industrial catarinense, que abrange diferenciação social e uma pequena produção mercantil rural e urbana, permitiu o desenvolvimento de um parque industrial diversificado em momentos de altas e baixas na economia mundial ao longo do séc. XX, assim, a economia catarinense desenvolve-se a nível nacional e evolui seu parque industrial através das ocorrências de 1873-1896, da primeira e segunda guerra mundial, da revolução de 1930, da política de substituição de importações, dos planos de desenvolvimento nacionais e do sistema de crédito e incentivos fiscais. Dessa maneira, destacam-se novos ramos produtivos como automotores, eletrodomésticos, calçados, autopeças, metal-mecânica, compressores, e

agroindustrial. Entre as empresas destacam-se: WEG S.A., BRF S.A., Tupy S.A., Embraco, Tigre, Cia. Hering e Malwee. O estado de Santa Catarina incide uma participação mais expressiva no PIB brasileiro, passando de 2,2% em 1939 para 3,3% em 1980 e 4,04% em 2010. O estado que tinha uma real ausência do eixo econômico paulista, torna-se um dos grandes integrantes da economia nacional (ESPÍNDOLA, 1999; MAMIGONIAN, 2011).

De forma ampla, a atividade industrial em Santa Catarina evolui e aperfeiçoa seu parque industrial constantemente, diminuindo custos e instituindo vantagens competitivas de forma que seu arcabouço tecnológico, gerencial, produtivo, qualidade de produtos e da escala produtiva, capacitam-na para uma posição de evidência nacional e internacional. A representatividade do PIB catarinense frente ao PIB nacional passa de 2,2% em 1939, para 2,8% em 1970 e 3,7% em 1990. Com relação ao crescimento do PIB catarinense em relação ao PIB nacional, temos 11,5% nos anos de 1970 e 5,3% na década de 1980, ao passo que o PIB brasileiro apresentou, 8,5% nos anos de 1970 e 2,3% na década de 1980. Os dados referentes às exportações de Santa Catarina apontam no período de 1970-1979 para um aumento de quatorze vezes, passando US\$ 37,4 milhões para US\$ 529,3 milhões, entre 1980-1990, partiram de US\$ 858,1 milhões para US\$ 1,4 bilhão, entre 1990 – 1999, as exportações de Santa Catarina ampliam-se de US\$ 1,4 bilhão para US\$ 2,7 bilhões, ao passo que, as exportações brasileiras entre 1970 – 1979, expande-se em seis vezes passando de US\$ 2,7 bilhões para US\$ 15,2 bilhões, entre os anos de 1980 – 1990, as exportações nacionais passam de US\$ 20,1 bilhões para US\$ 34,3 bilhões, e finalmente de 1990 – 1999, as exportações no Brasil passaram de US\$ 31,4 bilhões para US\$ 55,1 bilhões (ROCHA, 2011).

As medidas econômicas adotadas pós-1990 (abertura comercial, câmbio valorizado, medidas neoliberais), intensificam as formas de reestruturação da produção industrial catarinense (técnicas de gestão, reestruturação de linhas de produção, inovações, entre outras), consequentemente, alguns setores foram prejudicialmente afetados com tais medidas (setores de calçados, têxtil e confecções, carboníferos). Por outro lado, algumas atividades conseguiram dinamizar-se, como o setor cerâmico, madeireiro, metal-mecânico, plásticos, bebidas, agroindustrial, entre outros (GOULARTI, 1997; MAMIGONIAN, 2011).

Assim, para suprir as dificuldades impostas pela política macroeconômica brasileira, a reestruturação produtiva alinhada pelos setores industriais alcançou os mais

e os menos afetados pelas medidas adotadas. Foram menos afetados pela desvalorização cambial empresas de papel e celulose, as de agronegócios de carnes (oeste e planalto catarinense), e ao mesmo tempo, as empresas que sofreram maior impacto da política cambial (localizadas na fachada atlântica), reagem de forma defensiva e ofensiva no mercado (MAMIGONIAN, 2011).

DINÂMICA RECENTE DAS EXPORTAÇÕES EM SANTA CATARINA

Os produtos que representam a maior parte das exportações em Santa Catarina são manufaturados, porém, apresentando queda nos últimos anos. No ano de 2001 os produtos manufaturados representavam 62% da pauta exportadora, ao passo que em 2011 esse percentual recuou para 52%. No mesmo período, a participação de produtos básicos aumentou consideravelmente de 33% para 46% (FIESC, 2012). Em 2014 o estado exportou US\$ 4,1 bilhões em produtos básicos e US\$ 4,8 bilhões em produtos industrializados (FIESC, 2015).

Um grupo de 50 produtos pode representar o primordial das exportações em Santa Catarina no ano de 2011, esses produtos exibem 89% das exportações do estado nesse período. Uma grande parcela dos itens exportados pelo mercado catarinense obteve um crescimento superior à média das exportações no mercado mundial, entre 2001 e 2011, as exportações aumentaram por volta de 199%, onde o destaque fica por conta de produtos de bens de consumo não duráveis, insumos industriais e bens de capital. Dessa forma, produtos como carne e muidezas comestíveis (não congeladas) tiveram um incremento de 23.433% (em 2001 US\$ 1.1 milhão – 2011 US\$ 263 milhões), carnes e muidezas comestíveis (congeladas ou refrigeradas) com aumento de 219% (em 2001 US\$ 605 milhões – 2011 US\$ 1.9 bilhão), soja (mesmo triturada) obteve aumento de 3.949% (em 2001 US\$ 5.3 milhões – 2011 US\$ 217 milhões), motores e geradores elétricos com aumento de 443% (em 2001 US\$ 108 milhões – 2011 591 US\$ milhões), entre outros. Na tabela 2, estão destacados os produtos exportados por Santa Catarina (17 dos 50 primordiais para o estado) em 2011 que obtiveram um crescimento maior ou igual ao crescimento global (FIESC, 2012). Entre os anos de 2013 e 2014 os itens enumerados mantiveram-se entre os mais exportados pela indústria catarinense (FIESC, 2015).

Tabela 2: Principais produtos exportados por Santa Catarina em 2011 com elevado grau de dinamismo do comércio Internacional.

Posição	Produto
1	Miudezas comestíveis de animais das espécies bovina, suína, ovina, caprina, frescas, refrigeradas ou congeladas
2	Carnes e miudezas comestíveis, frescas, refrigeradas ou congeladas de aves
3	Tripas, bexigas e estômagos, de animais, inteiros ou em pedaços, exceto de peixes, frescos, refrigerados, congelados
4	Soja, mesmo triturada
5	Óleo de soja e respectivas frações, mesmo refinados, mas não quimicamente modificados
6	Enchidos de carne, miudezas, sangue, suas preparações alimentícias
7	Outras preparações e conservas de carne, miudezas ou sangue
8	Tortas e outros resíduos sólidos, mesmo triturados ou em “pellets”, da extração do óleo de soja
9	Cloretos, oxicloretos e hidroxicloretos, brometos e oxibrometos, iodetos e oxi-iodetos
10	Tubos e seus acessórios (por exemplo: juntas, cotovelos, flanges, uniões), de plástico
11	Parafusos, pernos ou pinos, roscados, porcas, tira-fundos, ganchos roscados, rebites, chavetas, cavilhas ou troços
12	Bombas para líquidos, mesmo com dispositivo medidor, elevadores de líquidos
13	Centrifugadores, incluídos os secadores centrífugos, aparelhos para filtrar ou depurar líquidos ou gases
14	Máquinas e aparelhos de uso agrícola, hortícola, hortícola ou florestal, para preparação ou trabalho do solo ou para cultura
15	Torneiras, válvulas e dispositivos semelhantes
16	Veios de transmissão e combotas e manivelas;
17	Transformadores elétricos, conversores, bobinas de reatância

Fonte: FIESC à partir de dados da SECEX MDIC TRADE MAP ITC, 2012.

O desempenho catarinense está basicamente de acordo com o comércio exterior brasileiro e mundial, os produtos básicos (destaque para *commodities*) tem exibido desempenho superior se comparado principalmente aos bens manufaturados, pois esse último têm sofrido maior arrefecimento com a desaceleração econômica atual (FIESC, 2012).

A tabela 3 apresenta as principais empresas exportadoras de Santa Catarina no ano de 2013; nota-se que, em um grupo representado por doze empresas, nove são sociedade anônima, das quais três (BRF-Brasil Foods, Tupy e Weg) são grandes *players* do mercado nacional e internacional com ações cotadas em bolsa de valores, uma característica da financeirização mundial e uma tendência na atual fase do ciclo de Kondratieff. Esse grupo de doze empresas obteve exportações que representam 59% do volume exportado por todas as empresas do estado no ano de 2013.

Tabela 3: Principais empresas exportadoras de Santa Catarina em 2013

Empresa	2013 US\$	% s/ total	2012 US\$ FOB	% 2013 - 2012
BRF-Brasil Foods SA.	1.114.548.708	12.83	601.776.432	85.21
Weg Equip. Elet. SA.	740.565.046	8.52	753.787.156	-1.75
Seara Alimentos SA.	673.102.606	7.75	739.791.144	-9.01
Whilpool SA.	532.408.206	6.13	625.219.156	-14.84
Tupy SA.	441.725.585	5.08	467.886.645	-5.59
Aurora Alimentos	412.202.376	4.74	331.532.926	32.31
Souza Cruz SA.	396.985.040	4.57	449.374.182	-11.66
Bunge Alimentos SA.	278.742.648	3.21	200.382.172	39.11
Alliance Tabacos Ltda.	161.288.423	1.86	185.143.533	-12.88
Pamplona Alim. SA.	141.702.508	1.63	172.292.288	-17.75
Tyson do BR Alim. Ltda.	126.879.473	1.46	162.412.926	-21.88
Klabin SA.	118.285.181	1.36	107.617.203	9.91
Total	5.138.435.800	59.00	4.777.215.703	7.50

Fonte: FIESC à partir de dados da MDIC SECEX, 2014.

Ressalta-se ainda que o total exportado pelas empresas catarinenses teve uma redução de 2,6% se comparado ao ano de 2012, porém, as principais empresas relacionadas na tabela 3, apresentaram em média um acréscimo de 7,5% em seu volume exportado. O aumento tem como principal condutora a empresa BRF com expressivos 85% (2012-2013), no entanto, empresas como WEG, Tupy, Souza Cruz, Whirlpool, Pamplona e Tyson, obtiveram variações negativas que vão de 1,75% a 21,88%.

A tabela 4 apresenta os principais municípios exportadores de Santa Catarina. Destacam-se na lista as cidades portuárias como Itajaí e São Francisco do Sul, assim

como aquelas próximas as localidades citadas, como Joinville, Jaraguá do Sul e Blumenau. Verifica-se na região um elevado número de empresas exportadoras com destaque para Joinville, Blumenau, Itajaí e Jaraguá do Sul onde estão localizadas 30% das empresas exportadoras do estado, havendo um aumento do número de empresas na região de 5% entre os anos de 2012 (433 empresas) e 2013 (454 empresas) (FIESC, 2014).

Tabela 4: Principais municípios exportadores de Santa Catarina em 2013

Município	2013 US\$ FOB	2012 US\$ FOB	% 2012 – 2013
Itajaí	4.351.353.195	3.900.305.159	11.56
Joinville	1.472.989.633	1.610.373.925	-8.53
São Bento do Sul	1.002.996.575	861.409.665	16.44
Jaraguá do Sul	802.148.255	785.329.252	2.14
Blumenau	530.270.153	590.057.045	-10.13
Araranguá	235.758.760	257.184.024	-8.33
Caçador	211.501.366	197.755.834	6.95
Itapiranga	145.636.262	157.258.687	-7.39
Lages	118.970.252	106.665.181	11.54
São José	112.741.294	181.335.619	-37.83
São Bento do Sul	112.329.488	113.842.040	-1.33
Seara	109.469.744	150.653.658	-27.34
Total	9.206.164.977	8.912.170.089	3.30

Fonte: FIESC à partir de dados da MDIC SECEX, 2014. OBS: a base de dados é o domicílio fiscal do exportador, ou seja, entram também valores de mercadorias produzidas em empresas de outros estados mas que possuem domicílio em Santa Catarina.

Os principais países compradores de produtos catarinenses em 2014 são os Estados Unidos da América (US\$ 1,15 bilhão), China (US\$ 978 milhões), Japão (US\$ 526 milhões), Rússia (490 milhões), Argentina (US\$ 436 milhões) e Holanda (US\$ 405 milhões) (FIESC, 2015). E, ao tratar-se da dinâmica exportadora de Santa Catarina com os blocos econômicos mundiais, pode-se resumir da seguinte forma: o principal bloco receptor das exportações catarinenses é a União Europeia com um valor total de US\$ 2 bilhões em 2013, o Nafta, o Mercosul e os Tigres Asiáticos importaram

respectivamente, US\$ 1,4 bilhão, US\$ 911 milhões e US\$ 530 milhões no ano de 2014 (FIESC, 2015).

A PARTICIPAÇÃO DAS EMPRESAS DE CAPITAL ABERTO NAS EXPORTAÇÕES CATARINENSES

As empresas catarinenses de capital aberto se destacam entre as grandes exportadoras do estado (tabela 3). As empresas BRF S.A, Tupy S.A. e WEG S.A. somaram 26% das exportações de Santa Catarina no ano de 2013. São empresas com ampla abrangência nacional e internacional, destacando-se fortemente nos seguimentos em que atuam.

A BRF S.A.

As atividades da BRF iniciam-se 2009, no entanto, a sua raiz empresarial vem da empresa Perdigão, que nasceu no ano de 1934 no município de Videira e da empresa Sadia, fundada em 1944 em Concórdia. A fusão de ambas empresas deu origem ao megaempreendimento BRF S.A., que logo tornou-se a maior produtora de proteína animal do mundo e a maior exportadora de aves (BRF, 2016).

Atualmente a estrutura acionária⁴ da BRF S.A. se divide em: Petros⁵ (10,99%), Previ⁶ (10,04%), Tarpon⁷ (10,49%), Sistel⁸ (0,46%), Conselho administrativo (4,08%), diretoria (0,01%), ações em tesouraria 4,68% e outros 59,25% (BRF, 2016).

O grupo BRF eleva consideravelmente sua produção a partir de 2009, como se observa no gráfico 2 que descreve o faturamento líquido da empresa. No ano de 2008, o faturamento era de R\$ 11,3 bilhões, dos quais 56% representavam o mercado interno, em 2009, o faturamento atinge R\$ 20,9 bilhões, com 59% direcionado ao mercado externo. Nos anos seguintes, há um crescimento gradual do faturamento líquido da empresa, que, no ano de 2015, atinge a marca de R\$ 32,1 bilhões, onde 50% representa o mercado externo e 50% o mercado interno (BRF, 2015).

⁴ Posição em 30-09-15 (BRF, 2016).

⁵ Fundação Petrobrás de Seguridade Social, é o segundo maior fundo de pensão do país, sua fundação foi no ano de 1970 (PETROS, 2016).

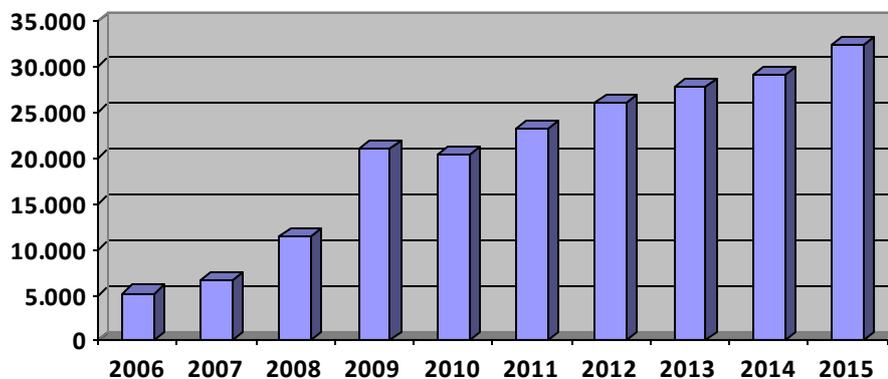
⁶ Caixa de Previdência dos funcionários do Banco do Brasil, fundada em 1904 e atualmente é o maior fundo de pensão da América Latina (PREVI, 2016).

⁷ Empresa brasileira de capital aberto e responsável por investimentos em companhias nacionais, (TARPON, 2016).

⁸ Fundação Sistel de Seguridade Social, foi criada em 1977, sendo um fundo responsável pela aposentadoria de funcionários de empresas de porte como: Telefônica Brasil S.A., Oi S.A., Telemar Norte Leste S.A., entre outras, (SISTEL, 2016).

O faturamento da empresa atinge mercados da América Latina, Ásia, Europa, Oriente Médio e África com ampliação do volume de negócios a cada ano.

Gráfico 2: Faturamento líquido da BRF S.A.



Fonte: BRF S.A., 2015.

Atualmente, a empresa conta com 105 mil colaboradores, frente aos 59 mil do ano de 2008, da mesma forma, houve uma grande expansão no volume da produção em mil toneladas que partiu de 2.039 no ano de 2008 para 3.864 em 2015.

A Tupy S.A.

A Tupy S.A. nasceu em Joinville em 1938. Na década de 1970 suas exportações abarcavam a América do Sul e a Europa e a empresa se tornou uma grande empresa do setor automotivo. Atualmente destaca-se na fabricação de peças automotivas como blocos e cabeçotes para motor, o que corresponde a 60% dos negócios da empresa (TUPY, 2016).

A estrutura societária⁹ da Tupy atualmente divide-se da seguinte forma: BNDESPar¹⁰ (28,2%), Previ (27,8%), Telos¹¹ (10,5%) e os demais acionistas com menos de 5% das ações representam 33,5%.

A Tupy amplia a sua receita e expande sua participação no mercado externo, o gráfico 3 descreve a evolução das exportações da empresa entre os anos de 2000 e 2014, nota-se um bem sucedido processo de internacionalização da empresa, há um grande avanço nas exportações entre os anos de 2000 e 2014, exceto em 2009 e 2010. Assim,

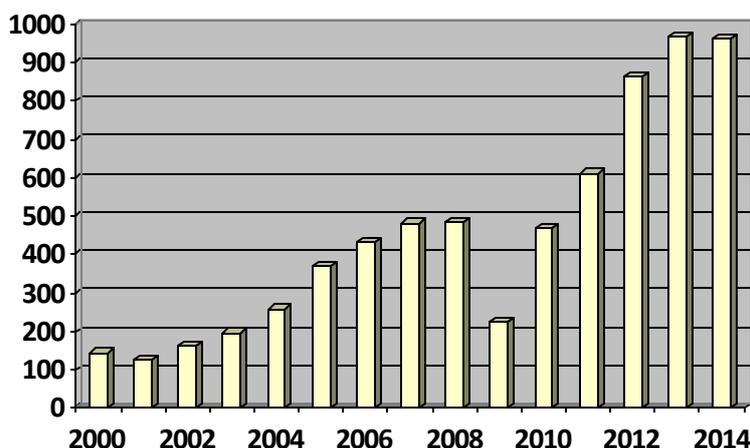
⁹ Posição em 31-12-2014 (Tupy, 2016).

¹⁰ BNDES Participações S.A., através dessa instituição o BNDES realiza participação em diversas empresas brasileiras (BNDES, 2016).

¹¹ Fundação Embratel de Seguridade Social, fundada em 1975 (TELOS, 2016).

no ano de 2014 a Tupy obteve 73% de seus rendimentos provenientes do exterior, são vendas principalmente para o mercado norte americano das filiais do Brasil e do México (BNDES, 2015).

Gráfico 3: Exportações da Tupy S.A. em US\$ milhões



Fonte: BNDES, 2014.

A receita da Tupy em 2015 alcançou R\$ 3,4 bilhões, com um crescimento de 10% em relação ao ano de 2014: a América do Norte representou 59,7% desse volume, a América do Sul e Central 19,2%, a Europa respondeu por 15,8% e a Ásia, África e Oceania juntas por 5,3% (TUPY, 2015).

A WEG S.A.

A WEG S.A. tem sua origem em Jaraguá do Sul em 1961, com a produção de motores elétricos e posteriormente máquinas elétricas, transformadores e tintas industriais,. No ano de 1970, a WEG ampliou sua atuação para o mercado internacional e, em 1971 abriu o capital na bolsa de valores. Em 2015, sua receita operacional líquida atingiu R\$ 9,7 bilhões, empregando cerca de 31 mil colaboradores em diversos países (WEG, 2016).

A estrutura acionária¹² da empresa se estabelece da seguinte forma: controladores 64,5% das ações (WPA Participações e Serviços S.A.¹³ 50,1% e família

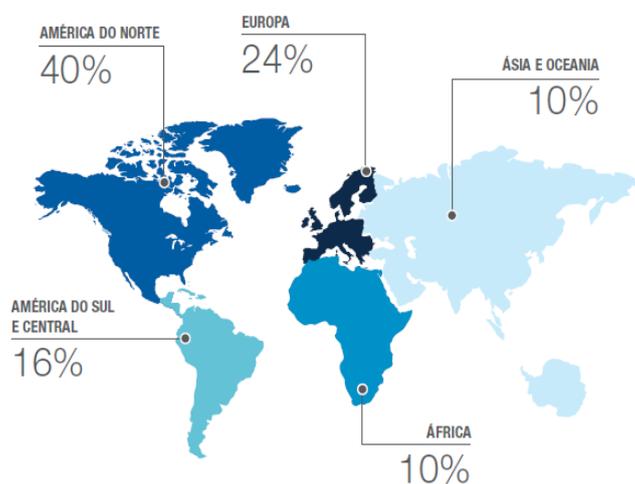
¹² Posição em 31-03-2016 (WEG, 2016).

¹³ Empresa que faz gestão dos bens das famílias dos três fundadores da empresa (WEG, 2016).

dos fundadores 14,4%), administradores 0,2%, ações em tesouraria 0,1% e ações em circulação 35,2%.

O faturamento líquido da WEG no ano de 2014 foi R\$ 7,8 bilhões e em 2015 de R\$ 9,7 bilhões e conforme a figura 1, o faturamento da empresa se divide entre diversos continentes do globo, a América do Norte representa o maior percentual de participação nos negócios da WEG, em 2013 a mesma participava com 34% do mercado externo e em 2015 com 40%, em seguida a Europa no ano de 2013 obteve uma participação de 34% e no ano de 2015 ficou com 24%. A América do Sul e Central somaram 16% de participação em 2015, a África totalizou 10%, a Ásia e Oceania atingiram 10% da receita em mercado externo da WEG. Os três resultados obtiveram pequenas oscilações entre os anos de 2013 e 2015 (WEG, 2015).

Figura 1: WEG S.A. – Percentual da receita em mercado externo no ano de 2015.



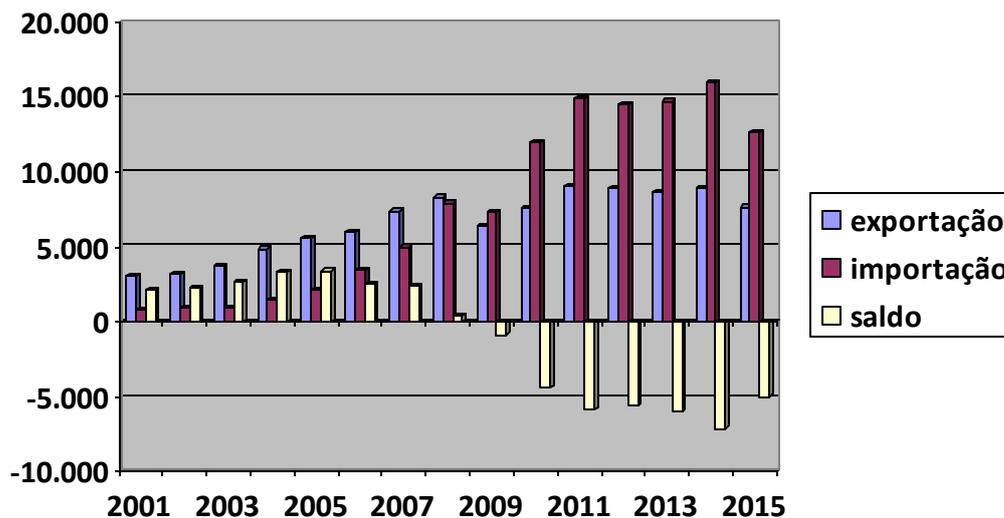
Fonte: WEG S.A., 2015.

DINÂMICA RECENTE DAS IMPORTAÇÕES EM SANTA CATARINA

A dinâmica do comércio internacional catarinense tem mostrado alterações consideráveis nos últimos anos, pois o estado entre os anos de 2001 e 2005 manteve um resultado superavitário e sempre crescente, entre os anos de 2006 e 2008 o saldo permanece positivo, porém, em declínio. A partir de 2009, há uma inversão na balança comercial de Santa Catarina, que passou a ser deficitária, o saldo negativo tornou-se crescente, com US\$ 860 milhões em 2009, em 2011 com US\$ 5,8 bilhões e em 2014 e 2015, com US\$ 7,1 e US\$ 4,9 bilhões respectivamente, conforme apresentado no

gráfico 4 (FIESC 2015). É importante destacar que a conjuntura atual se favoreceu em função da apreciação cambial, do crescimento da demanda interna, da infraestrutura portuária e do programa de incentivos fiscais criado em 2007 (Pró-Emprego), que beneficia as importações com redução da alíquota de ICMS (FIESC, 2012).

Gráfico 4: Balança Comercial de Santa Catarina de 2001-2015 (US\$ milhões)



Fonte: FIESC à partir de dados da SECEX MDIC, 2015.

Assim, as importações de Santa Catarina são impulsionadas fortemente por produtos manufaturados, em 2001 eles representavam 75,6% da pauta importadora do estado, em 2011 esses itens são da ordem de 77,9%. No ano de 2003 as importações de manufaturas representavam em média US\$ 730 milhões, em 2013 o volume importado de manufaturas chegou a US\$ 13,9 bilhões. Entre os anos de 2012 e 2013, os insumos industriais passaram de 55,52% para 52,22%, os bens de capital de 18,17% para 18,76% e os bens de consumo não duráveis de 17,86% para 20,23%. De forma geral, as importações catarinenses entre 2001 e 2011 aumentaram 1.626% (FIESC, 2012, 2014).

As importações catarinenses são provenientes em sua maioria da China que em 2014 exportou para o estado US\$ 5,2 bilhões, já o Chile, os Estados Unidos, Argentina e Alemanha exportaram em média US\$ 1 bilhão cada um para Santa Catarina no mesmo ano (FIESC, 2015). Os principais itens importados são plásticos e suas obras, reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e material elétrico, cobre e suas partes, ferro fundido, que somaram em média US\$ 6,4 bilhões no ano de 2013 (FIESC, 2014).

Na tabela 5, são apresentados os principais produtos importados pelo estado de Santa Catarina entre 2013 e 2014, destaca-se a contração de 28% nos itens cotados de cobre, porém, há um expressivo aumento de automóveis com motor de explosão, laminados de ferro e aço e polietilenos, que apresentaram variações de 98,3%, 87,6% e 43,6% respectivamente.

Tabela 5: Principais produtos importados por Santa Catarina

	Produtos Importados	US\$ Milhões		Variação (%)
		2013	2014	
1	Cotados de cobre refinado – seus elementos	1.133,90	816,10	-28,00
2	Polietilenos sem carga e linear	370,20	531,40	43,60
3	Automóveis com motor de explosão	225,10	446,30	98,30
4	Laminados de ferro e aço	233,40	437,80	87,60
5	Fios de fibras e poliésteres, artificiais e acrílicas	399,40	368,80	-7,70
6	Peixes, crustáceos e moluscos	280,20	266,60	-4,90
7	Pneus novos p ônibus, caminhões e automóveis	248,70	256,90	3,30
8	Outros polímeros de etileno	186,30	229,10	23,00
9	Fios têxteis de poliésteres	173,30	192,20	10,90
10	Polipropileno sem carga, em forma primária	115,00	179,70	56,30

Fonte: FIESC à partir de dados da SECEX MDIC, 2015.

CONCLUSÃO

De acordo com as informações expostas no trabalho, conclui-se que diante da atual fase depressiva da economia mundial, a inserção da economia catarinense na dinâmica global exportadora é uma realidade para economia do estado, exigindo a cada etapa, um maior aprimoramento gerencial, produtivo e tecnológico das empresas catarinenses.

Assim, empresas como a BRF S.A., Tupy S.A. e WEG S.A., destacam-se na ponta exportadora do estado, e, como indústrias de capital aberto estão altamente inseridas no contexto econômico global, tornando-se referência nos seguimentos em que atuam.

Acerca das importações e exportações do estado de Santa Catarina, é importante observar o cenário que se apresenta nos negócios internacionais do estado, onde há uma preocupante deterioração das negociações catarinenses com o mercado global (MAMIGONIAN, 2011). Nesse sentido, a balança comercial catarinense vem ampliando seu déficit desde 2009, e a representatividade das exportações catarinenses frente as nacionais tem apresentado uma significativa baixa nos últimos anos, pois o estado era o 5º maior exportador brasileira no ano de 2001, e, em 2011, foi o 10º maior exportador do país (FIESC, 2015). No ano de 2015, as exportações de Santa Catarina encerraram o ano em US\$ 7,6 bilhões, um valor 15% menor que o registrado em 2014 (FIESC, 2016).

REFERÊNCIAS

AMSDEN, A. **A ascensão do “resto”: desafios ao Ocidente de economias com industrialização tardia**. São Paulo: Unesp, 2009.

BNDES, **Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social**. 2016. Disponível em:

<http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/empresa/download/1215_BPAR.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2016.

_____. <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Publicacoes/Paginas/livro_bndes_setorial.html>. Acesso em: 20 abr. 2016.

_____. <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Hotsites/Relatorio_Anu al_2012/Capitulos/2_Gerando_valor_para_a_sociedade_estrategia_e_visao_de_futuro/2_1_Gerando_valor_para_a_sociedade/2_1_3_conhecimento_e_experiencia_institucional.html>. Acesso em: 20 abr. 2016.

_____. <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/efetividade/relatorio_crescimento_grandes_empresas_nacionais.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2016.

BRF, **BRF S.A.**, 2016. Disponível em: <<http://www.brf-global.com/brasil/sobre-brf/quem-somos-nossa-historia>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

_____. <<https://www.brf-global.com/brasil/responsabilidade-corporativa/relatorio-anual>>. Acesso em: 29 jun. 2016.

CERVO, A. L. **Inserção Internacional: formação dos conceitos brasileiros**. São Paulo: Saraiva, 2008.

ESPÍNDOLA, C.J. **As Agroindústrias no Brasil: o caso Sadia**. Chapecó: Grifos, 1999.

_____. A Dinâmica Recente do Comércio Exterior Brasileiro: Reprimarização das Exportações? In: **Anais do X ENANPEGE**, Goiânia, 2013.

_____. A internacionalização do Agronegócio Brasileiro de Carnes: a trajetória da Brasil Foods. **VI Congresso Iberoamericano de Estudios Territoriales y Ambientales**. São Paulo, 2014.

FIESC, Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. 2016.

<http://fiesc.com.br/sites/default/files/medias/25_set_sc_dados_2014_em_baixa_para_site.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2015.

_____. <<file:///C:/Users/Usuario/Desktop/38034a88cabd7be945629b4212df520c.pdf>> Acesso em: 17 jul.2015.

_____. <<http://www2.fiescnet.com.br/web/uploads/recursos/62da15932ecb30daf17ce38397537ed2.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2015.

_____. <file:///C:/Users/Usuario/Desktop/pdf_site.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2015.

_____. <http://fiesc.com.br/sites/default/files/medias/folder_dr_glauco_2015.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2016.

_____. <http://fiesc.com.br/sites/default/files/medias/pdf_site.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2016.

GOULARTI, F.A. A Indústria do Vestuário. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

IPEA. O tempo do BRIC – Brasil, Rússia, Índia e China crescem mais que a média mundial e atraem investimentos externos. v. 7, n.60, 2010.

MAMIGONIAN, A. Kondratieff, Ciclos médios e Organização do espaço. In: **Geosul**, 28, v. 14, 1999.

_____. A indústria de Santa Catarina: Dinamismo e Estrangulamento. In: **Santa Catarina: Estudos de geografia econômica e social**, Florianópolis: UFSC, 2011.

MANZI, R.H.D. O Brasil e as grandes tendências do comércio internacional no século XXI. **Boletim Mediterrâneo**. v. 15, n.142, 2014.

PREVI, Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil. 2016. Disponível em: <<http://www.previ.com.br/a-previ/conheca-a-previ/>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

PETROS, Fundação Petrobrás de Seguridade Social. 2016. Disponível em: <https://www.petros.com.br/PortalPetros/faces/Petros/apetros/qms?_adf.ctrl-state=xu64emzh_4&_afLoop=932516309627815>. Acesso em: 20 abr. 2016.

RANGEL, I. A substituição de importações. In: **BENJAMIN, C. Obras Reunidas**. Volume 2; Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. p. 49.

_____. O papel da Inflação, 1961. pag. 228.

_____. A questão financeira, 1961. pag. 235.

_____. As causas da inflação, 1961. pag. 250.

_____. Dualidade básica da economia brasileira, 1957. Pag 285.

_____. As estatais e o mercado de ações, 1985. pag. 437.

_____. Capacidade ociosa e desenvolvimento econômico, pag. 485.
_____. O quarto ciclo de Kondratiev, 1990. pag. 741.

ROCHA, I.O. Exportações industriais de Santa Catarina (1950-2010). **In: Santa Catarina: Estudos de geografia econômica e social**, Florianópolis: UFSC, 2011.

SISTEL, **Fundação Sistel de Seguridade Social**. 2016. Disponível em: <https://www.sistel.com.br/sistel/opencms/sobre_a_sistel/>. Acesso em: 25 jun. 2016.

TELOS, **Fundação Embratel de Seguridade Social**. 2016. Disponível em: <<http://www.fundacaotelos.com.br/sobre.asp>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

TARPON, **TARPON S.A.**. 2016. Disponível em: <<http://tarponinvest.com.br/acionistas.htm>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

TUPY, **TUPY S.A.**. 2016. Disponível em: <<http://www.tupy.com.br/portugues/empresa/historia.php>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

_____. Disponível em: <http://ri.tupy.com.br/conteudo_pt.asp?idioma=0&conta=28&tipo=54404>. Acesso em: 20 abr. 2016.

_____. <http://ri.tupy.com.br/download_arquivos.asp?id_arquivo=A59C1FC8-0AA4-4B98-89A3-A86770783388>. Acesso em: 25 jun. 2016.

WEG, **WEG S.A.** 2016. Disponível em: <<http://www.weg.net/br/Sobre-a-WEG/Historia>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

_____. <<http://www.weg.net/ri/governanca-corporativa/estrutura-societaria/>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

_____. <<http://www.weg.net/ri/wp-content/uploads/2016/06/Relat%C3%B3rio-Anual-Integrado-2015.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2016.